

## Uma parábola contrarianista num espaço acadêmico

PAULO ROBERTO DE ALMEIDA\*

A despeito de ter servido à diplomacia brasileira por mais de quatro décadas, tenho uma vivência ainda mais longa na academia, isto é, na cultura universitária. Comecei a frequentar os cenáculos acadêmicos e a ler a sua literatura especializada ainda antes de terminar o ciclo médio, e foi com a intenção de pertencer aos seus quadros que me preparei precocemente para o exercício de funções acadêmicas alguns anos antes de ingressar em suas salas de aula e auditórios. Resisti a tentativas familiares de me encaminhar para o Direito e me dirigi quase que naturalmente para as Ciências Sociais, a área de estudos mais identificada com grandes projetos de mudança social e de transformações radicais na sociedade, como foi o universo no qual me movimentei durante toda a adolescência, boa parte da juventude e ainda na idade adulta, ainda que com objetivos modificados como resultado de uma tripla experiência de vida: no setor privado, na academia, no Estado.

A carreira diplomática, no entanto, absorveu-me intensamente, depois de uma longa estada no exterior nos anos 1970, quando interrompi o curso de Ciências Sociais iniciados na Fefelech, da USP, em 1969, para buscar um autoexílio na Europa durante os anos de

chumbo da ditadura militar. Retomei os estudos de Ciências Sociais na Bélgica, terminei um mestrado em Economia, na Universidade de Antuérpia, e dei início a um doutoramento em Ciências Sociais na mesma Universidade de Bruxelas, interrompido em 1977 ao retornar ao Brasil. Ao conseguir terminar o doutoramento, alguns anos depois, em paralelo a meus dois primeiros postos diplomáticos, engajei de imediato uma dupla atividade acadêmica, primeiramente na disciplina de Sociologia Política, no Instituto Rio Branco e no programa de mestrado em Sociologia da Universidade de Brasília, mais adiante como professor de Economia Política, nos programas de mestrado e doutorado no Centro Universitário de Brasília, ao qual estive vinculado desde 2004, ao retornar de uma estada na embaixada em Washington, entre 1999 e 2003, depois de trabalhos anteriores em Genebra, Paris e Montevidéu, notadamente.

Foi nesse período em que fui contatado pelo então jovem editor da recém-lançada *Espaço Acadêmico*, Antonio Ozaí da Silva, que me descobriu e me convidou a colaborar com o seu empreendimento provavelmente devido ao fato de ter sido aluno, durante um ano do colegial em São Paulo, do célebre



\* **PAULO ROBERTO DE ALMEIDA** é Doutor em Ciências Sociais, Mestre em Planejamento Econômico, Diplomata de carreira.

professor Maurício Tragtenberg, a quem devo uma formação exemplar em história, filosofia e marxismo. Mesmo fora do Brasil, nos anos 1970, nunca deixei de me comunicar com o professor Maurício, enviando alguns livros a seu pedido ou comentando, em diversas cartas, minhas visitas ao “socialismo real”, que não só visitei, como vivi, durante certo período. Tendo saído do Brasil um revolucionário quase guevarista, retornei sete anos depois como um socialista reformista, como resultado, justamente, das experiências no socialismo e no capitalismo, onde estudei, vivi e trabalhei.

Aceitando colaborar com a *Espaço Acadêmico*, publiquei, entre 2001 e 2011, ao longo de 120 meses, praticamente um texto por mês, ademais de resenhas ou notas diversas, tratando dos mais diversos temas, geralmente nos campos da economia, da política e da história: foram quase 130 contribuições regulares, muitas delas bastante provocadoras no confronto com meus colegas da revista, geralmente apenas acadêmicos, isto é, os professores dedicados exclusivamente ao exercício didático na chamada “torre de marfim”, com uma orientação basicamente teórica ou conceitual, sem a necessária fundamentação empírica que eu adquiri no tratamento de problemas concretos da agenda internacional. No meu caso, tendo anteriormente passado pelo setor privado na juventude, acumulado certa experiência governamental e em organismos internacionais, não era difícil exhibir argumentos mais consistentes com as realidades do mundo concreto, em lugar de ficar tão somente discutindo conceitos ou teorias acadêmicas, sem real conexão com os problemas do Brasil e dos demais países em desenvolvimento.

Minhas contribuições à revista refletiam, justamente, um ambiente bastante animado de debate (embora sempre indireto) entre, de um lado, os representantes típicos do “progressismo universitário” e, de outro, este escriba, que superou o marxismo juvenil em favor de um ecletismo intelectual fortemente embasado nas leituras de história e, sobretudo, de economia. O ambiente, como evidenciado particularmente durante os “anos dourados” do gramscismo acadêmico – a era lulopetista entre 2003 e 2016 –, nunca foi muito tranquilo, dada minha contestação regular e constante das inconsistências percebidas nesses cenáculos universitários das Ciências Sociais e das Humanidades em geral. Direta ou disfarçadamente, não foram poucas as vezes que me confrontei a acusações de estar a serviço de não se sabe quais “forças capitalistas”, de negar as “perversidades do imperialismo”, de manter uma inaceitável inclinação contrária ao socialismo e de atacar algumas das fantasmagorias que ainda mobilizam certas mentes emboloradas, numa exasperação típica dos que não possuem argumentos empíricos a oferecer, apenas as velhas teorias do marxismo clássico, ou apenas a sua vulgata. Não tenho nenhum problema em formular esse tipo de crítica, pois é a mesma que faço a mim mesmo em relação aos meus anos de formação acadêmica.

Mesmo na fase de adesão ao marxismo universitário e ao socialismo prático, nunca pertenci a partidos, movimentos, igrejas, clãs, seitas ou grupos de qualquer espécie, muito frequentemente encontráveis entre ideólogos da academia. Não possuo subordinação mental ou material a qualquer ideologia ou grupo de interesse, a não ser uma adesão voluntária à racionalidade do pensamento, ao livre-arbítrio, à força do

argumento – e não ao argumento da força –, assim como não me submeto a qualquer força social ou estatal que signifique coerção indevida de minha independência de julgamento. Essa mesma atitude manteve ao longo de todo o exercício profissional na diplomacia, preservando meu espírito crítico, sobretudo em direção dos sacrossantos princípios da hierarquia e da disciplina, o que me valeu também certas acusações de rebeldia ou dissidência em relação às posturas oficiais.

Minha colaboração com a revista *Espaço Acadêmico* foi repentinamente interrompida em 2011, quando, depois de vários escritos “contrarianistas” ao universo intelectual da maior parte dos demais colaboradores, apresentei um artigo ainda mais provocador, perguntando se “Pode uma pessoa inteligente pretender-se comunista, hoje em dia? Reflexões sobre um paradoxo acadêmico brasileiro” (n. 126, agosto de 2011). Eu havia retornado de uma estada na China, uma experiência extremamente interessante de viagens e de visitas naquele imenso país, dotado de uma história magnífica, então em meio a transformações extraordinárias, formalmente conduzidas por um regime comunista, mas efetivamente engajado na construção da maior economia de mercado do mundo. Aquele artigo foi, efetivamente, minha última colaboração na *Espaço Acadêmico*, só sucedido por minha colaboração a um dossiê especial publicado no mês de setembro, sobre os dez anos do 11 de setembro, que já havia sido submetida anteriormente.

Todos os meus trabalhos publicados na *Espaço Acadêmico* guardam a marca da reflexão embasada nas leituras, nas muitas viagens que fiz ao redor do mundo, dos registros de leituras, do aprendizado nas negociações internacionais em que tive a

oportunidade de participar, mas, sobretudo, do cuidado em vincular cada um dos trabalhos produzidos ao longo desses anos à minha preocupação constante com os problemas do Brasil e os difíceis caminhos de sua superação, mediante a observação da experiência de outros povos e nações, do recurso à fundamentação empírica de cada proposta de política, do exame da história pregressa e de um cuidado com a racionalidade pragmática das “soluções” aventadas. Resenhas de livros e notas divulgadas em blogs – provocando debates e contestações, em especial em torno do marxismo – completam minha interação com esse “espaço acadêmico”.

Uma grande parte das colaborações esteve voltada a diversos aspectos das políticas econômicas nos anos de “dourados” do lulopetismo econômico, tanto as políticas macroeconômicas – basicamente corretas no início – quanto as setoriais – invariavelmente equivocadas, em sua maioria –, através das quais eu buscava evidenciar a necessidade de reformas estruturais, sem o que o Brasil continuaria a crescer a taxas medíocres. Essa inclinação a ser uma espécie de “conselheiro do príncipe”, mesmo sem qualquer príncipe “meu” – um dos meus slogans favoritos é aquele de Leo Ferré: *ni Dieu, ni maître* –, no trabalho puramente solitário das bibliotecas e das longas noites em companhia dos livros, constitui, provavelmente, o fio de ligação com minha precoce inclinação a viver no mundo dos livros, sem, no entanto, descurar da atenta observação da realidade. De toda forma, sou grato ao editor da *Espaço Acadêmico* por ter me oferecido um espaço de liberdade durante uma década inteira, por ter suportado minhas provocações e certamente as pressões dos demais colunistas regulares, que provavelmente

já me queriam fora há bem mais tempo. De toda forma, continuo colaborando indiretamente com as iniciativas do professor Antonio Ozaí da Silva, oferecendo, ocasionalmente, pareceres a artigos submetidos aos seus periódicos, assim como participando do esforço de montagem da nova base da *EA*.

Aos interessados em conhecer a relação completa de todos os artigos e notas que publiquei na revista *Espaço Acadêmico*, de 2001 a 2011 (com exceção de textos nos blogs da revista), remeto a uma lista consolidada divulgada na plataforma Academia.edu (link: [https://www.academia.edu/49342444/3594\\_Lista\\_de\\_artigos\\_publicados\\_na\\_Espaço\\_Academico\\_2020](https://www.academia.edu/49342444/3594_Lista_de_artigos_publicados_na_Espaço_Academico_2020)), embora sem os links completos, uma vez que eles estão sendo atualizados em nova base de publicação numa ferramenta especializada em revistas universitárias, depois de desativado seu antigo site

próprio ([espacoacademico.com.br](http://espacoacademico.com.br)). Publiquei, em edição de autor, uma coletânea contendo 28 dessas colaborações nesta brochura: *Um contrarianista na academia: ensaios céticos em torno da cultura universitária* (Brasília, 2020, 363 p.), de cujo prefácio retirei alguns extratos aqui reproduzidos. Existe uma apresentação sumária desse livro no blog *Diplomatizzando* (link: <https://diplomatizzando.blogspot.com/2020/03/meu-proximo-livro-um-contrarianista-na.html>), reproduzida na plataforma Academia.edu (link: [https://www.academia.edu/42265476/Um\\_contrarianista\\_na\\_academia\\_ensaios\\_ceticos\\_em\\_torno\\_da\\_cultura\\_universitaria](https://www.academia.edu/42265476/Um_contrarianista_na_academia_ensaios_ceticos_em_torno_da_cultura_universitaria)), também publicado em edição Kindle (ASIN: B08668WQGL).

**Longa vida à *Espaço Acadêmico*!**